

**Ana Laura
Ruchiga**

*Universidade Federal
de Santa Maria*
analaura@icloud.com

RESUMO

O seguinte trabalho consiste em um relato a partir da minha vivência pessoal, no qual abordo como se sucedeu o meu desenvolvimento com o passar dos anos, relacionando-o intimamente com o papel assertivo de estimulação precoce que meus pais tiveram nesse processo, mesmo sem saber sobre a existência dessas terminologias (uma vez que o meu diagnóstico de TEA foi tardio, com quase 19 anos). Dessa forma, o meu objetivo é compartilhar experiências que promovam uma reflexão acerca da importância da estimulação precoce e relembrar (para quem esqueceu), que sujeitos no espectro podem sim aprender e se desenvolver. O recurso metodológico utilizado é o relato de caso autobiográfico e o texto se dará a partir de narrativas dos meus pais e das minhas vivências. Concluo que a abordagem adotada pelos meus pais, apesar de não ter ocorrido da forma ideal por não contar com uma equipe multidisciplinar e profissional, foi fundamental e necessária

Palavras-chave: autismo; desenvolvimento; estimulação precoce; relato de experiência.

ABOUT HOW MY MOM AND DAD DID A GOOD JOB OF EARLY STIMULATION WITHOUT EVEN KNOWING WHAT IT WAS, NOR THAT I'M AUTISTIC

ABSTRACT

The following article consists of a report of my personal experience, in which I discuss how my development happened over the years, relating it closely to the assertive role of early stimulation that my parents had in this process, even though they didn't know about the existence of these terminologies (since my diagnosis of ASD was late, at almost 19 years old). Thus, my goal is to share experiences that promote reflection on the importance of early stimulation and remember (for those who have forgotten) that subjects on the spectrum can indeed learn and develop. The methodological resource used is the autobiographical case report and the text will be based on my parents' narratives and my experiences. I conclude that the approach adopted by my parents, despite not having been ideal because it did not have a multidisciplinary and professional team, was fundamental and necessary

Keywords: autism; development; early stimulation; experience report.

Correspondência/Contato

revistaneurodiversidade@gmail.com
<https://www.revistaneurodiversidade.com/>

Editores responsáveis

Daniele Pendeza

Lucas Pontes

1 INTRODUÇÃO

Esse artigo consiste em um relato a partir da minha vivência pessoal em que abordo como se sucedeu meu desenvolvimento com o passar dos anos, relacionando-o intimamente com o papel assertivo de estimulação precoce que meus pais tiveram nesse processo, mesmo sem saber que essas terminologias existiam; uma vez que meu diagnóstico de TEA (Transtorno do Espectro Autista) foi tardio, com quase 19 anos.

O processo diagnóstico foi um tanto solitário. Já faziam alguns anos que várias pessoas me diziam que eu poderia ser autista. Eu percebia que ninguém ficava tão atordoado ao ir a lugares como o supermercado ou a ter de ficar alguns minutos em uma fila de farmácia. As outras pessoas entendiam piadas e figuras de linguagem sem que ninguém tivesse que explicar ou anotar as gírias em um caderno para lembrar e quem sabe tentar usar futuramente. Enquanto eu comia somente alimentos de cor branca e amarela até os quinze anos, a seletividade alimentar também não parecia ser uma questão para todo mundo. Dificuldades de interação, gastrite nervosa, crises e mais crises.

Esses e outros inúmeros fatores fizeram com que eu e meus amigos/as próximos/as nos perguntássemos como a minha atipicidade passou despercebida por tantos anos. Minha psicóloga acabou me indicando um neuropsicólogo, fiz testes por quase 3 meses. Um tempo depois, fui a uma psiquiatra, a primeira que me fez sentir segura e acolhida. Primeiro vieram os diagnósticos de TPS (Transtorno de Processamento Sensorial) e depois de AH/SD (Altas Habilidades/Superdotação). Por último, o diagnóstico de TEA.

O TEA é tido como um transtorno do neurodesenvolvimento. Os sujeitos autistas possuem diversas manifestações e formas de ser e estar no mundo; todas cabem no espectro. Alguns dos diversos traços comuns às mentes neurodivergentes supracitadas, são prejuízos no uso e compreensão da linguagem, dificuldades em relação a capacidades pragmáticas, ecolalia tardia e/ou imediata, *stims* e comportamentos e maneiras de socializar percebidas enquanto atípicas - pelos sujeitos de desenvolvimento típico (*American Psychiatric Association, 2014*).

Por todas essas questões a estimulação precoce é muito importante. E nada mais é do que um conjunto de intervenções, que auxiliam no desenvolvimento e/ou competências específicas do sujeito em questão. Caminha *et al.* adicionam que "em todos os casos, devem ser consideradas as necessidades de cada criança, para que um plano individualizado possa ser traçado" (2016, p. 49).

No meu caso, como tive o diagnóstico já na idade adulta, não fiz terapias na infância que fossem voltadas ao autismo. Embora meus pais tenham buscado ajuda profissional de uma psicóloga

e fonoaudióloga por um curto período de tempo, foi para tratar de questões muito específicas (que hoje sei que possuem relação direta com o TEA).

Tendo em mente que não fiz terapias contínuas na infância, nesse artigo, tratarei das práticas adotadas pelos meus pais em casa para estimular o meu desenvolvimento da melhor maneira que podiam. Assim, o meu objetivo é compartilhar experiências que promovam uma reflexão acerca da importância da estimulação precoce e lembrar (para quem esqueceu), que sujeitos no espectro podem sim aprender e se desenvolver.

2 METODOLOGIA

O recurso metodológico a ser utilizado, é o relato de caso autobiográfico. O texto se dará a partir de narrativas dos meus pais e das minhas muitas lembranças.

3 EU, TENTANDO FALAR DE MIM

Eu sempre tive muita energia. Apesar de não quebrar nada, não gritar muito e passar bastante tempo sozinha, eu sempre escalei tudo que pude, desmontei e remontei todos os brinquedos possíveis e me pendurei por tudo. Tenho tanta energia dentro da cabeça, que parece que vai escorrer pelos ouvidos - mesmo eu sabendo que isso é tecnicamente impossível.

Tem muita coisa que é claramente impossível, mas que às vezes eu acho que está acontecendo e vice-versa. Das coisas que parecem impossíveis, mas podem acontecer, vou contar um pouco sobre como um Sérgio e uma Lara (meus pais) fizeram um trabalho incrível de estimulação precoce com uma criança atípica (eu), sem saber de nada disso a nível consciente.

Era uma vez uma bebezinha que estava sentada na barriga da mãe, o coração dela batia mais devagar do que o esperado e ela se mexia pouco. Então com oito meses, decidiram tirar ela dali. Então eu nasci. Sempre me pergunto se os médicos que me tiraram daquela inércia não estariam interrompendo um momento meditativo meu e talvez por isso eu seja tão nervosa com gente desconhecida chegando perto quando estou querendo ficar sentada e quieta, com os batimentos cardíacos funcionando como esperado.

Fui crescendo, como geralmente acontece (mas nem sempre) e eventualmente comecei a caminhar - mesmo sem ter engatinhado. Um pouco depois eu comecei a falar e então já estava acontecendo: minhas capacidades estavam sendo desenvolvidas a partir do brincar.

No decorrer do texto, será possível compreender como a estimulação precoce - tendo como pilares muitas brincadeiras, paciência e afeto - auxilia no desenvolvimento em incontáveis esferas. Essa, também deve ocorrer de forma criativa, respeitosa e em conjunto, pois "além de profissionais especializados contribuírem para o desenvolvimento [...] a família assume papel importante" (Correia, 2011, p. 6).

4 MEU PAI, AS PALAVRAS GRANDES E O “RESTA 1”

Meu pai me queria muito. Daqueles pais que gritam "eu vou ser pai" na cara de desconhecidos inocentes que só estavam fazendo seus trajetos pela rua - sim, um pouco invasiva essa empolgação paterna desenfreada, ele é assim (eu ainda me apavoro). Uma das coisas que ele gostava de fazer, era me olhar no fundo dos olhos e falar pausadamente palavras grandes.

Me fazia repetir cada parte e batia palmas enquanto sorria quando eu repetia. Eu achava divertido falar essas palavras, porque davam uma sensação engraçada na boca. Gosto muito de trava línguas por essa mesma razão. Meu pai dizia "inconstitucionalissimamente" e eu repetia. Ele dizia "paralelepípedo", eu o imitava. Assim eu fui aprendendo a imitar e a expandir meu vocabulário. A parte do "fala isso aqui para a visita" era bem estranha. Falar essas palavras repetidamente sem ter o menor entendimento de seus significados, era estranho também, mas aprender mais e mais coisas era maravilhoso de qualquer forma.

O pai também sempre foi muito "tecnológico". Me ensinou a mexer no computador quando eu era bem pequenininha e colocava jogos de lógica para que eu tentasse resolver os problemas. Eu conseguia. Tive o privilégio de ter jogos chamados educativos, inclusive de lógica. Ficava fascinada a cada novo desafio.

Quebra cabeças, blocos de montar, jogos de encaixar, qualquer coisa que necessitasse decorar um grande número de "passos" para completar o desafio me fazia sacudir as mãos e pular. Foi assim que aprendi a jogar *Resta 1*, resolver cubo mágico, empilhar copos com velocidade considerável e tentar (só tentar) não me frustrar quando derrubava ou quebrava tudo; porque meu corpo não acompanhava a velocidade dos meus pensamentos.



Fotos 1 e 2: Ana Laura concentrada no jogo *Resta 1* (arquivo pessoal)

Uma das coisas mais incríveis que meu pai me deixava fazer, era usar equipamento de rapel, assim ele me pendurava em uma árvore e eu podia descer e subir de novo, sem o risco de cair. Acho que essa brincadeira era uma das poucas que não acabava em tombos. Na verdade, nenhuma realmente acabava em tombo, porque se eu caía, eu levantava e continuava correndo até onde a asma (herança genética paterna também) deixasse.



Fotos 3 e 4: Ana Laura sorri enquanto brinca com equipamento de rapel em árvores (arquivo pessoal)

Quando cresci um pouco mais, comecei a levar para casa impressoras, computadores e HDs quebrados, que seriam descartados da loja de eletrônicos de um amigo do meu pai. Eu carregava tanta “tralha” que as sacolas chegavam a rasgar e minha calça quase caía de tantas peças aleatórias enfiadas nos bolsos. Então vinha a melhor parte: colocar tudo no chão e desmontar! Descobrir o que tem dentro, criar maneiras incontáveis de reinventar sistemas, quebrar umas partes sem querer e outras querendo muito (não tem outro jeito de abrir um celular *Nokia* antigo para pegar o motor do *vibracall*). Tinha que fazer tudo rápido e esconder as peças que eu quisesse ficar, porque assim que

minha mãe visse a bagunça, iria tudo para o lixo. Acho inclusive que ainda não a perdoei por sumir com os meus canhões de ar comprimido - mas entendo o sumiço do estilingue, atirei um feijão nela, acho que foi sem querer.

5 MINHA MÃE, ELA DISSE QUE EU ANDAVA SEMPRE COM UM LIVRO NA MÃO...

Eu tinha livros daqueles que dava para colocar na água, e então eu brincava com eles no banho. Gostava de correr pela livraria e ficar muito tempo mexendo nos livros e escolhendo qual seria o meu "livro do mês". Que abundância, poder escolher um livro por mês! Ela sempre disse "que não nos falte dinheiro para a comida e nem para os livros" e eu penso muito nisso, queria que essas fossem as únicas preocupações da maioria de nós.

Ainda sobre brinquedos, eu tinha umas letras de madeira e outras que eram imãs e dava para colar na geladeira. Eu brinquei muito com isso, muito mesmo. Ainda bem pequena, descobri que existiam muitos idiomas pelo mundo todo e fiquei fascinada. Hoje em dia, tenho hiperfoco em aprender palavras aleatórias ou músicas em vários idiomas.

Eu também tinha brinquedos para encaixar peças. Alguns dos de montar vinham com manual, eu decifrava muito rapidamente e montava tudo de uma vez só, ainda gosto de brincar com isso. Ao mesmo tempo que eu me divertia, eu sentia muita ansiedade porque queria brincar e aprender mais e mais. Precisava de estímulos novos o tempo inteiro. Cansava só de pensar, mas continuava explorando, mesmo cansada.

Minha mãe também disse que eu corria, pulava e subia em árvores sem demonstrar nenhum tipo de medo. Isso é, como muitas outras coisas, bom e ruim ao mesmo tempo. É ótimo poder explorar sem se preocupar, mas eu acabava por me colocar em situações de risco sem perceber. Esse problema ainda perdura. Subia (ainda subo) no telhado da casa dos parentes sem nem pensar em como eu iria descer (ainda faço). Sempre digo que sou boa em escalar as coisas, mas péssima em voltar para o chão. A última vez que isso aconteceu foi na semana passada. Fiquei presa em uma caramboleira - sim, assim se chama a árvore de carambola, adoro esse nome.

Na infância, meus pais me matricularam em todas as atividades físicas possíveis que houvessem na escola ou perto de casa. Comecei a praticar esportes com 2 anos. Passei por natação (os médicos recomendaram por conta da asma), jazz (dança), basquete, arte circense, capoeira, patinação, *taekwondo*, *krav maga*, teatro, yoga e bambolê. Eu ficava completamente exausta, mas eu

mesma pedia (e às vezes implorava) para ir praticar qualquer coisa que fosse. Se eu não me movimentasse bastante, eu começava a pensar e pensar até a cabeça doer.

6 ENTÃO, NA ESCOLA...

Quando eu era bem pequenininha, eu passava a manhã com a minha babá. À tarde, eu ia para a escola e a minha babá também era, minha professora. Eu gostava muito disso, me sentia segura com ela por perto. Era mais fácil quando eu não tinha que lidar com pessoas diferentes o tempo todo.

Minha mãe contou que foi junto comigo nos primeiros dias na escola, mas que eu virei para ela e disse "mãe, tu já pode ir embora, tá?" e ela foi mesmo, e eu fiquei lá. Eu brincava sempre com o mesmo brinquedo: uma bússola que eu pegava e ficava olhando, girando devagar, mudando de ângulo.

Lembro dos meus colegas, de observá-los, de tentar interagir mas desistir rápido. Lembro do embalo no colo da professora enquanto ela segurava uma toalha com gelo no meu rosto, porque um colega havia me mordido. Eu pensava "que jeito estranho de se expressar, eu não faria isso".

Conforme fui crescendo, meu pai começou a me ensinar a ler em casa. Eu não sei quem foi, mas me contaram que alguém pediu que ele parasse, pois eu estava ficando muito "avançada" e assim não me encaixaria na turma na qual estava. Eu só soube disso após muitos anos, e como a criança que fui e a futura professora que estou estudando para ser, sinto uma tristeza enorme pelas crianças cujo desenvolvimento não apenas deixou de ser incentivado, como foi praticamente proibido de acontecer.

Por sensatez, por parte de uma professora em específico, quando cheguei na primeira série fui incentivada. Minha professora passava exercícios extras um pouco mais complexos para mim e para uma colega (que era minha amiga). Isso fazia toda a diferença do mundo. Me instigava a entender como resolver as questões, como as coisas à minha volta funcionavam.

O ensino fundamental foi uma incógnita que durou anos. Em uma das vezes que perguntei sobre essa época, minha mãe falou que "na escola, sentia-se muito pressionada, pois colegas e professores tinham altas expectativas sobre ela, então parecia que sempre precisava fazer algo extraordinário". Ainda acrescentou que eu "Não gostava da escola, pois comparava com uma cadeia, onde existiam regras rígidas que oprimiam a criatividade. Tinha poucas aulas de arte e todo o foco era nos vestibulares". É verdade, nunca entendi isso de se ter cinco períodos de português e um de artes, esse tipo de proporção não me faz o menor sentido; considero ambos igualmente importantes.

Ainda no fundamental, os (as) colegas faziam piadas com duplo sentido, falavam de assuntos que eu não compreendia e por mais que eu tentasse no início, não fazia ideia de como interagir com eles e cansava só de pensar nisso. Tive alguns colegas um pouco mais sensíveis que de vez em quando se aproximavam, desses eu lembro até hoje, vividamente.

No ensino médio, eu estava em um quadro depressivo profundo. Sendo assim, as notas baixaram muito, juntamente com meu apetite já quase inexistente. Minha mãe conta que eu questionava muito sobre o porquê de ter que estudar as disciplinas da escola, sendo que eu tinha outros interesses e não considerava o que estava aprendendo como algo aplicável à realidade.

Não entendia o motivo de estar sempre tão exausta e com náusea, só por estar na sala de aula. Hoje sei que vivi em constante sobrecarga sensorial, e que se tivesse descoberto isso antes, teria sofrido menos. Sempre penso que se consegui sair da escola, consigo passar por qualquer coisa.

Teve uma época, em que minhas notas só eram boas nas disciplinas em que eu tinha uma boa relação com os (as) professores (as). Isso faz toda a diferença, até hoje. Sentir-se bem perante a quem está por perto, muda tudo.

Quando eu estava no terceiro ano do ensino médio, eu faltei a uma aula. Nesse dia, a professora me trocou de lugar, sem eu nem estar presente. No dia seguinte, perguntei a uma colega o que havia acontecido. Ela disse que a professora e mais um ou dois colegas comentaram que uma pessoa que "só fica desenhando", não merece um lugar na frente. Minhas notas baixaram muito depois disso, minha autoestima também. Doeu terem considerado um desperdício eu ocupar o lugar que ocupava.

Acontece que ter uma tarefa só, olhar para frente e ouvir o (a) professor (a) falando fazia com que sobrasse muita energia em mim. Isso resulta em eu me balançar tanto, que a cadeira quase vira. Se eu der mais uma tarefa simples para o meu cérebro, como rabiscar traços livres ou mexer em algo com as mãos, eu consigo focar e aprender com facilidade em relação a aprender quieta como uma estátua.

Durante a escola eu não estudava em casa - por isso, minha professora do atendimento educacional especializado, já no ensino superior, teve que me mostrar as inúmeras formas que existem de estudar. Eu não conhecia nada que não fosse ler e decorar, porque isso foi o que me mandaram fazer para sobreviver à escola.

Minha mãe conta que "entendia as angústias em relação a ter que estudar disciplinas que não conversavam com a realidade e então dizia para tirar nota para passar de ano e aguentar mais um pouco até conseguir sair da escola". E foi o que eu fiz. Hoje em dia não gosto nem de passar na frente da escola.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Concluo que a abordagem adotada pelos meus pais, apesar de não ter ocorrido da forma ideal com uma equipe multidisciplinar e profissional, foi fundamental e necessária. "Mesmo sem confirmação diagnóstica, a intervenção precoce deve ser instruída" (Caminha *et al.*, 2016, p. 46), com profissionais capacitados que prezem pelo respeito e liberdade de expressão para com o indivíduo em questão.

Carrego comigo o gosto pelas cores, por adesivos e desenhos. Ainda subo em árvores em toda oportunidade que surge. Desmonto e monto aparelhos eletrônicos da casa por pura curiosidade - mesmo que às vezes a remontagem não seja ideal. Às vezes, tudo que uma pessoa precisa, é que invistam nela com afeto e que propiciem a segurança de que tudo bem ser quem se é.

REFERÊNCIAS

American Psychiatric Association. (2014). Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-5 [Recurso eletrônico]. (5a ed.; M. I. C. Nascimento, Trad.). Porto Alegre, RS: Artmed

Caminha, V. L. P. dos S. *et al* (2016). *Autismo: vivências e caminhos*. São Paulo: [s. n.].

Correia, N. C. C. C. A. (2011) importância da intervenção precoce para as crianças com autismo na perspectiva dos educadores e professores da educação especial. 2011. *Dissertação (Mestrado em Ciências da Educação)* - Escola Superior de Educação Almeida Garrett, Lisboa.

Ana Laura Ruchiga

É estudante de Música - Licenciatura na Universidade Federal de Santa Maria e estudante de Psicologia na Universidade Franciscana. Atualmente é participante (ex bolsista) do Coro de Câmara da UFSM, sob coordenação do Professor Doutor Claudio Antonio Esteves. Também é bolsista do Grupo de Pesquisa Composição Musical e Pesquisa Artística: produção, análise e difusão, sob coordenação do Professor Doutor Paulo Oliveira Rios Filho. Participou, como estagiária, no Curso de Extensão em Música da UFSM, atuando no ensino de técnica vocal e musicalização infantil durante o ano de 2019, sob orientação do Professor Doutor em Educação Lúcius Batista Mota.

Recebido em 31 de maio de 2021

Aceito em 09 de junho de 2021